

## A arte da sobrevivência na Ilha de Deus<sup>1</sup>

Auta Luciana LAURENTINO<sup>2</sup>

Maria das Graças Andrade ATAÍDE DE ALMEIDA<sup>3</sup>

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

### RESUMO

Este artigo analisa o cotidiano das famílias moradoras da Ilha de Deus, comunidade situada numa zona de proteção ambiental, localizada no bairro da Imbiribeira, periferia do Recife. Tratamos de analisar os movimentos de reestruturação da Ilha de Deus a partir de projetos de urbanização originados pelo poder público. Dos projetos realizados na comunidade, acompanhamos de perto uma intervenção de *design* aplicada ao artesanato produzido pelas mulheres do local. Trabalhamos na linha teórica do cotidiano e da memória, no âmbito do local e do global. Este trabalho teve origem na disciplina Cotidiano e Imaginário, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria das Graças Ataíde de Almeida, no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, da UFRPE.

**PALAVRAS-CHAVE:** urbanização; ruralidade; cotidiano; artesanato; *design*.

Nosso trabalho apresenta uma experiência vivenciada junto aos moradores da Ilha de Deus, comunidade situada no bairro da Imbiribeira, periferia do Recife. Trata-se de uma comunidade de pescadores artesanais, que está inserida numa zona especial de proteção ambiental, constituída por mangues e conhecida como Parque dos Manguezais, em que a renda de 65% das famílias depende do trabalho da pesca de peixe, marisco, sururu, caranguejo e dos viveiros de camarão. O acesso da Ilha para os bairros do Recife se dá através da ponte Vitória das Mulheres, fato que demonstra o quanto à força feminina desta comunidade é representativa. No universo dos moradores da Ilha de Deus, 51,5% são mulheres, conforme pesquisa realizada pela SEPLAG (2007). Temos também alguns programas assistenciais presentes na Ilha, o mais significativo é o programa da Bolsa família, que contempla 53,8% das 312 famílias que vivem na comunidade (SEPLAG, 2007). A maioria das residências era no formato de palafitas.

A ocupação populacional da Ilha de Deus foi iniciada nos anos de 1950, principalmente por famílias de pescadores, conforme conta Berenice Vitorino, conhecida

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX / UFRPE. Bacharel em Desenho Industrial Projeto de Produto pela UFPE. E-mail: autall@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Pós-doutora pela Universidade de Coimbra-PT e Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. E-mail: graca.ataide10@gmail.com

como Dona Beró, de 72 anos, artesã e moradora do local, que desde jovem pescava marisco na ilha com a sua mãe. Além da pesca praticada por homens e mulheres marisqueiras, existe um grupo na Ilha que iniciou, em 2004, uma pequena produção artesanal de peças decorativas, em que utilizam a casca do marisco e do sururu como suporte.

Nesse contexto, o governo do estado de Pernambuco<sup>4</sup> promoveu intervenções urbanísticas na comunidade, iniciadas no ano de 2007, estas ingerências causaram transformações no cotidiano dos moradores da Ilha. Foram disponibilizadas novas construções, tanto nas moradias quanto nas instituições religiosas, educacionais, de comunicação e de saúde, como também toda a parte de saneamento básico fora instalado. Para a realização desse projeto, anteriormente, todas as construções existentes na Ilha foram demolidas para dar lugar a novas edificações. De início, uma equipe do governo do Estado, formada por assistentes sociais, arquitetas, engenheiros e algumas lideranças da própria comunidade, acordou com os moradores da comunidade um formato de indenização para a população, de forma que os donos de imóveis seriam indenizados e aqueles que vivem de aluguel teriam um auxílio moradia, durante o período de construções das moradias. Estávamos presentes num dos períodos das negociações e da implementação do projeto urbanístico, e vimos o quanto foi difícil para os moradores da Ilha aceitarem tais transformações.

Estes tipos de intervenções estão presentes na nossa história, outro período marcado e influenciado por este ideário de progresso e desenvolvimento. Segundo Ataíde de Almeida (2001), na primeira metade do século XX, sob a interventoria de Agamenon Magalhães, esse ideário é ampliado e regido pelo discurso da “higienização”, presente desde o século 19, agora não bastava apenas construir, era preciso também destruir aquilo que era considerado “insalubre”, feio, escuro, atrasado, o que significava ações verticalizadas do governo. Ainda de acordo com Ataíde de Almeida (2001), a transformação da cidade significava uma nova vida para o Recife, assim “Este novo tempo caracterizava-se não somente pelas transformações físicas da cidade, mas, essencialmente, pela mudança radical a ser operacionalizada no *modus-vivendis* de seus habitantes” (Idem, p. 127).

---

<sup>4</sup> Governo de Eduardo Campos, primeiro período de mandato de 2007 a 2010. Foi reeleito em 2010 e governa Pernambuco até os dias atuais.

## Contextualização do *design* aplicado na produção artesanal

Atuamos na área de *design* de produto, voltado para a melhoria da produção artesanal, e fomos convidados pela Secretaria da Mulher do estado para desenvolver e melhorar as peças artesanais produzidas pelas mulheres da Ilha. No início da nossa ação de *design*<sup>5</sup>, com o objetivo de conhecer os moradores e a comunidade, percorremos toda a ilha e percebemos que existiam vários problemas de infraestrutura e saneamento básico. Tais problemas tinham sido diagnosticados pelo governo do estado e uma intervenção se iniciava. Nessa conjuntura, em paralelo a intervenção urbanística, realizamos as oficinas de *design* e gestão de grupo, que tinha como objetivo melhorar a produção artesanal do grupo e, com isso, promover a geração de renda para as famílias envolvidas. A metodologia utilizada nessas oficinas priorizou a participação das mulheres em todas as decisões, desde a escolha da matéria prima ao local desejável para realizar suas vendas. A principal matéria prima do grupo era o marisco coletado na própria comunidade e, com ele, antes da nossa intervenção, já produziam produtos como bolas e flores decorativas.

A utilização do *design* voltado ao artesanato é reiterada e reconhecida em Pernambuco. Acompanhamos o investimento de instituições públicas, privadas, fundações, organizações não governamentais, por exemplo, em ações que empregam o *design* como estratégia para melhoria da produção artesanal, e sua possível inserção no mercado. Trazemos este tema para nossa pesquisa porque entendemos que esta área é relevante, de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2006), segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, existem cerca de nove milhões de pessoas que vivem do artesanato no Brasil. O setor de artesanato<sup>6</sup> corresponde a 2,8% do Produto Interno Bruto – PIB - brasileiro. Este dado nos mostra o quanto é relevante a produção artesanal para o País.

Em relação a áreas de atuação do profissional da área de *design*, em Pernambuco, verificamos que existe, de maneira intensa, uma atuação significativa do *design* aplicado ao processo produtivo das culturas artesanais. O autor Rafael Cardoso (2008), em seu livro *Uma Introdução à História do Design*, assegura “Design, arte e artesanato têm muito em

<sup>5</sup> A ação de *design* foi realizada no período de 2009 a 2010.

<sup>6</sup> O bordado é a atividade artesanal mais presente nos municípios brasileiros, encontrada em 75,4% deles, seguida das atividades com madeira (39,7%), artesanato com barro (21,5%) e artesanato com material reciclável (19,5%). O artesanato de material reciclável teve o maior crescimento entre os dois anos (17,0%), seguido pelo artesanato com fibras vegetais (13,0%). O bordado manteve uma estabilidade no período (0,3%). Mas a maioria das atividades sofreu um decréscimo entre 2005 e 2006. As principais quedas ocorreram no artesanato de renda (-29,0%), metal (-16,4%), pedras preciosas (-14,9%), tapeçaria (-14,5%) e pedras (-13,7%) (IBGE, 2007).

comum e hoje, quando o *design* já atingiu uma certa maturidade institucional, muitos designers começam a perceber o valor de resgatar as antigas relações com o fazer manual” (CARDOSO, 2008, p. 21). Além desta percepção de repertório, este autor, ao relacionar o designer no mercado global, compreende que, no contexto atual, as atuações, antes inimagináveis, também passaram por processos de mudança, ou diríamos atualizações, quando explica:

Ao contrário da situação relativamente estável de trinta anos atrás, quando os únicos clientes em potencial para o designer eram grandes empresas estatais ou multinacionais, existe hoje um mosaico de pequenas e microempresas, associações e sociedades comunitárias, organizações não governamentais, fundações e outras entidades que nunca estiveram tão ativas no cenário econômico nacional. (CARDOSO, 2008, p. 252).

O artesanato é hoje uma das mais importantes expressões da cultura popular de um povo. Imaginava-se que a globalização desvalorizasse as pequenas produções, no entanto, presenciemos um efeito contrário. Dessa forma, trazemos o argumento de glocalidade, exposto pelo autor Sousa Santos (2005), o qual afirma que neste movimento imposto pela globalização “ao nível dos processos transnacionais, da economia à cultura, o local e o global são cada vez mais os dois lados da mesma moeda” (SOUSA SANTOS, 2005, p. 73).

No Brasil, o artesanato recebe várias categorizações<sup>7</sup> e funções<sup>8</sup> de algumas instituições que trabalham diretamente para o estímulo e manutenção dessa produção. É importante também entendermos qual o conceito atual para o artesanato. Assim, apresentamos o conceito do Programa do Artesanato Brasileiro – PAB (2008), em que oferece uma base conceitual segundo o seu glossário:

A palavra “artesanato” surgiu com a Revolução Industrial com o sentido de ‘feito a mão’ que se opunha à noção de produzido em e por uma máquina. Desde então, o artesanal, invariavelmente é considerado seja por sua utilidade (material ou figurativa) seja pelo valor econômico que agrega. Por meio desses valores é que se mostra como expressão da cultura imaterial (a do saber fazer) e da cultura material (a própria feitura por si mesma) de um povo. (BRASIL/ MDIC, 2008, p.4)

<sup>7</sup> Artesanato, artesanato tradicional, arte popular, trabalho manual, artesanato indígena, artesanato de reciclagem, artesanato de referência cultural e artesanato contemporâneo-conceitual (BRASIL/ MDIC, 2008).

<sup>8</sup> Adornos e/ou acessórios adereços, decorativo, educativo, lúdico, religioso/ místico, utilitário, profano e lembranças/ souvenir (BRASIL/ MDIC, 2008).

E complementa que:

Fora do sistema industrial tem como o seu forte a manifestação de valor cultural e a identidade local que é formada por processos sociais por manter uma identidade coletiva, pertencer a uma comunidade. A cultura e sua diversidade (significados, símbolos, rituais, valores, tradições etc) é o seu ingrediente básico. (BRASIL/ MDIC, 2008, p.4)

Ainda de forma mais específica, o PAB conceitua artesanato e artesanato da seguinte forma:

Artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (*possui valor simbólico e identidade cultural*), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. (BRASIL/ MDIC, 2008, p.6)

É o trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças. (BRASIL/ MDIC, 2008, p.6)

Em relação aos programas e projetos que apoiam a nossa produção artesanal, temos o envolvimento de instituições governamentais e não-governamentais. Dentre estas instituições podemos citar algumas ações desenvolvidas pelo Ministério da Cultura, através do PROMOART<sup>9</sup> – Promoção do Artesanato; o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, através do PAB<sup>10</sup> – Programa do Artesanato Brasileiro; o Ministério do Trabalho e Emprego, que trabalha para ajudar o artesão a se definir como profissão; Algumas secretarias Estaduais e Municipais; as Universidades Federais, como também o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE<sup>11</sup>, através do Programa de

---

<sup>9</sup> Promover o artesanato de comunidades tradicionais, com ações de valorização e preservação do modo tradicional de fazer, com estratégias de distribuição e inserção diferenciada no mercado, além da criação de um selo de origem controlada a fim de agregar valor ao produto feito por essas comunidades.

<sup>10</sup> Ganhou status de Programa na proposta do Plano Plurianual – PPA 2004-2007, mantido para o período 2008-2011. O Programa do Artesanato atende: Núcleos produtivos, Organizações formais e Artesãos. O PAB está estruturado em 3 ações: 2704 – Capacitação de Artesãos e Multiplicadores, 2706 – Feiras e Eventos para Comercialização de Produtos Artesanais e 6514 – Estruturação Produtiva do Artesanato Brasileiro. O seu objetivo é o de fortalecer a competitividade do produto artesanal para promover seu acesso ao mercado e a geração de trabalho e renda, priorizando: elaboração de políticas públicas, desenvolvimento de ações que valorizem o artesanato, estímulo ao aproveitamento das vocações regionais e formação de uma mentalidade empreendedora (MDIC, 2009).

<sup>11</sup> O Programa de Artesanato do SEBRAE capacita artistas empreendedores e fomenta o mercado do artesanato. Nas 27 Unidades Federativas do país, investe em estratégias de atuação diferenciadas que possibilitam o desenvolvimento de cada categoria de artesanato, mantendo, entretanto, os valores simbólicos dos modelos culturais. O SEBRAE, para elaborar

Artesanato e dos Centros de Design, Artesanato Solidário<sup>12</sup>, Comunitas, Visão Mundial<sup>13</sup>, entre outros.

### **A Ilha de Deus e seu Artesanato**

O grupo de artesãs da Ilha de Deus, em sua maioria, era formado por marisqueiras. Elas pescavam, tratavam e vendiam o marisco, de forma que, neste processo todas as suas partes eram aproveitadas, pois a casca virava artesanato. Encontramos uma produção com muitos problemas, faltava acabamento, inovação nas formas das peças, não havia cálculo dos custos, nenhuma estimativa da produção mensal, entre outros aspectos. O que havia era muita vontade de que a produção desse certo, para ocupação das jovens e geração de renda. Um dos objetivos do projeto era o envolvimento das jovens da Ilha, muitas não estavam estudando, nem trabalhando. Do universo de quarenta mulheres atendidas nesta ação de *design*, apenas uma estava cursando pedagogia.

Estivemos na Ilha de Deus durante um ano e meio com esta ação. No início, todos os encontros foram realizados dentro do planejamento. Conseguimos desenvolver vinte produtos, dos quais quinze foram criações novas e cinco já existiam e foram aperfeiçoados. Inserimos novos materiais encontrados na própria comunidade e desenvolvemos ao final do projeto, um catálogo com o registro de todos os produtos trabalhados, como forma de apresentação para a representação do artesanato da Ilha no mercado.

Uma das principais participantes na oficina de *design* foi Dona Beró, personagem que congrega o imaginário de uma comunidade de pescadores, onde a cultura popular, música, artesanato e poesia, integra e fortalece a comunidade. Ela é compositora de coco de roda, líder comunitária e “curandeira”, foi comerciante e hoje é uma das principais

---

estratégias de apoio à produção, fundamenta-se nas categorias do artesanato, nos usos dos produtos resultantes dele e nas organizações do trabalho artesanal, de maneira a atender às diferentes necessidades dos artesãos espalhados pelo Brasil.

<sup>12</sup> Atende comunidades atingidas pela seca da região Nordeste e do Norte de Minas Gerais. Teve como Presidente da Comunitas Ruth Cardoso que trás no Prefácio da obra *Da Sede ao Pote* os seguintes dados “Nessa trajetória iniciada em 1998, o ARTESANATO SOLIDÁRIO ampliou sua esfera de atuação – beneficiando cerca de 3 mil artesãos em 68 municípios de 15 estados brasileiros” (CAVALCANTI, 2003, p. 11). O *Artesanato Solidário/ArteSol*, atualmente, já desenvolveu mais de 90 projetos em 17 Estados brasileiros.

<sup>13</sup> Dentre as ações desenvolvidas no programa de Comércio Solidário da Visão Mundial, destacam-se a promoção dos produtos em feiras e eventos nacionais e internacionais, desenvolvendo intercâmbios culturais, a assessoria em negociações junto a compradores nacionais e internacionais, a capacitação e treinamento nas áreas de negócios, design, criação de novos produtos e organização e o desenvolvimento de embalagens, folders e material de marketing. Essas ações geraram impactos positivos como a organização dos grupos produtivos, a melhoria na qualidade dos produtos, a crescente participação das mulheres nos empreendimentos comunitários, a utilização de materiais atóxicos e madeira certificada na fabricação de artesanato, o incremento na renda familiar, a exclusão do trabalho infantil e a inclusão de jovens no processo produtivo, combatendo a delinquência juvenil. Em 2004, a Visão Mundial ajudou a criar a Ética Comércio Solidário, uma sociedade entre ONGs e associações de pequenos produtores, que coloca produtos agropecuários, artesanais e confecções de grupos associativos brasileiros nos mercados internos e externos, oferecendo assim oportunidades justas de comercialização. A empresa tem os certificados para exportação FLO (Fair Trade) e IBD (Orgânico).

artesãs do lugar. Memória viva da Ilha de Deus, seu discurso original valoriza e está ligado a temas da cultura local, como: natureza, cotidiano, personagens, ocupações, lazer, entre outros. Dona Beró era a mais entusiasmada com o projeto voltado ao artesanato da Ilha. Ao mesmo tempo em que participava das oficinas, criando novos modelos de flores, sofria com as transformações que estavam ocorrendo na Ilha.

A nossa maior dificuldade ocorreu no período em que as moradias das participantes começaram a ser demolidas, pela implementação da intervenção urbanística na Ilha. Nossas artesãs começaram a dispersar do projeto, o grupo começou a diminuir e apenas umas treze mulheres conseguiram continuar na nossa oficina. Os motivos foram vários, algumas tiveram que sair da Ilha para morar fora, com o apoio apenas do auxílio moradia ou com a indenização negociada com o governo. Por não terem dinheiro para o transporte até a Ilha, elas deixaram de participar do cotidiano da comunidade e do projeto de valorização do artesanato. Dona Beró, uma de nossas principais artesãs, começou a demonstrar tristeza, inquietação, e até mesmo a ficar doente com frequência. No seu caso, a sua casa era de alvenaria e tinha muitas árvores e plantas cultivadas por ela, mesmo assim, teria que ser demolida para contemplar o formato sugerido no projeto arquitetônico das moradias. Atualmente na Ilha de Deus as moradias são de alvenaria e concreto, boa parte dos moradores está morando em outros bairros, perderam o contato com amigos e parentes da comunidade.

Podemos trazer para a nossa discussão a relação das artesãs com o seu lugar, com o cotidiano, com o espaço onde residem e vivem, ou seja, o *lócus*. Para Michel de Certeau (2009) existe uma distinção entre lugar e espaço<sup>14</sup>, e esta distinção nos ajuda a entender que o lugar autoriza a distribuição dos “elementos nas relações de coexistência”, e assim “os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define” (Idem, p. 184, grifo do autor). O lugar é uma ordem que sugere um indício de estabilidade. Já o espaço faz referência às práticas vivenciadas no lugar, ou seja, “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em uma unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2009, p. 184).

Fazemos aqui uma analogia da comunidade com o bairro trabalhado por Certeau (2008), como o lugar em que as pessoas se reconhecem, assim sendo como “um domínio do

---

<sup>14</sup> Em sua obra *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (CERTEAU, 2008, p. 40). Certeau aponta como sendo um “pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência” (CERTEAU, 2008, p. 41).

Outro fator que gerou instabilidade para o grupo de artesãs, foi que os pescadores foram relocados da pesca para a construção civil na própria comunidade. Para alguns se tornou uma oportunidade de ter uma renda certa e de aprender uma profissão, a de pedreiro ou ajudante de pedreiro. Ao mesmo tempo, começou a faltar peixe e marisco para as mulheres tratarem, comercializarem e produzirem suas peças. O volume do marisco utilizado no artesanato diminuiu e se transformou em dificuldade. Criamos novas peças com a renda do coqueiro, pois tínhamos verificado a presença de coqueiros na Ilha no início do projeto, tais coqueiros foram derrubados e também gerou falta de material para o grupo continuar produzindo o artesanato.

Apesar das dificuldades, as artesãs que continuaram no projeto de valorização do artesanato da Ilha, tiveram a oportunidade de participar de eventos e feiras promovidos com o apoio do governo do estado. Dentre estas oportunidades podemos citar, como as principais, uma feira em Curitiba, a FEIARTE 2010, e no Centro de Convenções de Olinda, a FENNEARTE 2010. As vendas nestes eventos não atenderam as expectativas do grupo, mas demonstraram que é possível gerar renda com a produção artesanal. Percebemos que com todos os acontecimentos na Ilha, ocorreu uma seleção natural das artesãs, apenas as que permaneceram na comunidade continuaram produzindo o artesanato. Já no fim da ação de *design* as artesãs que realmente demonstraram interesse em alavancar a produção artesanal local foram as que permaneceram. Hoje o grupo conta com onze participantes e encontra-se capacitado para enfrentar os desafios do mercado.



## Imagens dos principais produtos desenvolvidos com as mulheres da Ilha de Deus

Apresentamos, na sequência, imagens dos produtos que foram desenvolvidos durante a oficina de *design*, e se tornaram carro-chefe na produção das mulheres da Ilha de Deus. Os principais materiais utilizados na confecção das peças são: marisco, palha da costa, fibra do coqueiro e barba de bode.



Flor Beró 1



Bandeja decorativa



Anel para guardanapo



Bola decorativa



Flor de marisco



Flor Beró 2



Peça decorativa



Luminárias com PET



Chaveiros

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. A construção da verdade autoritária. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

CARDOSO, Rafael. Uma introdução à história do *design*. São Paulo: Editora Blucher, 2008.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=980](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=980).  
Acesso em 11.03.2010.

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=4&noticia=9938>. Acesso em  
20.08.2010.

<http://www.mte.gov.br/noticias/conteudo/10689.asp>. Acesso em 11.03.2010.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. (org.) A globalização e as ciências sociais. São Paulo:  
Cortez, 2005.

Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Pernambuco. Diagnóstico  
Socioeconômico. Pernambuco, 2007.